

O sacrifício do corpo: categorias de conhecimento sobre o cabelo crespo que transitam entre o Brasil e Moçambique

The sacrifice of the body: categories of knowledge about curly hair that travel between Brazil and Mozambique

Denise Ferreira da Costa Cruz

Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro (PUC-RJ)
denisefcklaxon@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4333>

Resumo

O presente “artigo” é uma reflexão sobre as categorias que são acionadas por mulheres negras e mestiças no Brasil e em Moçambique para qualificarem seus corpos, mais especificamente seus cabelos

Palavras-chave: Corpo.; Brasil; Moçambique

Abstract:

The present "article" is a reflection on the categories that are driven by black and mestizo women in Brazil and Mozambique to qualify their bodies, more specifically their hair.

Keywords: Body; Brazil; Mozambique.

Em uma tarde, durante um almoço no Mercado Janet, Vanda me contou o que fazia para se sentir bonita. Geralmente aos sábados, uma vez ao mês, reservava seu tempo para rituais de beleza e de festa em sua casa. Logo cedo a *matapa*¹ era colocada para cozinhar. A *matapa*, preparado de folha de mandioca que precisa ser cozida por muitas horas, era acompanhada de caril de frango e arroz. Ela chamava uma trancista conhecida e lhe pagava cem *meticais*² pelo serviço que duraria seis, sete horas. Para esse trabalho na cabeça, é preciso uma relação de

1 Prato comum em Moçambique feito com a folha da mandioca pilada. Essa folha é cozida por muitas horas e servida como um molho que acompanha, geralmente, o arroz e uma carne.

2 Moeda corrente moçambicana.

confiança. A aparência e a qualidade do trabalho não podem ser confiadas a qualquer pessoa. Além de ser um serviço caro, ele demanda tempo, o compartilhamento de

certa intimidade pelo toque, por estar na casa, por poder ouvir histórias que irão durar todo o dia.

O espaço utilizado para trançar era o quintal, do lado de fora da casa. Uma pureza entre o ambiente da beleza se mantém em relação ao ambiente gastronômico: uma distância é estabelecida. Além do cheiro da *matapa*, o quintal é preenchido por sons transmitidos por uma televisão, que fica ligada exibindo mulheres dançando com os cabelos ao vento. Zouks, mornas, pop, kuduro. Todos esses são ritmos apreciados pelas mulheres que circulam pelo quintal e conversam. Os homens saíram para fazer outras coisas. Essas atividades de cozinhar e embelezar são presenciadas por mulheres e crianças. Os homens, quando estão por perto, não se envolvem nem no tecer, nem no cozinhar. Presenciam o movimento.

Nos bairros de *caniço*, as vielas e ruas que entrecortam as casas assumem traços singulares. Por corredores estreitos é possível percorrer caminhos tortuosos até chegar na casa de Vanda. Entre uma casa e outra, pequenos muros de alvenaria, folha de coqueiro, ou mesmo cercas vivas separam material e simbolicamente os loteamentos de cada morador. No entanto, se tal divisão espacial existe, suas fronteiras podem ser perpassadas, visto ser comum que vizinhos atravessem os quintais uns dos outros sem maiores constrangimentos. A possibilidade de penetração espacial revela contornos de troca e compartilhamento de espaço entre vizinhos. Estes convivem entre si com certa familiaridade, esperando que algumas trocas e solidariedade sejam assumidas reciprocamente. O espaço da casa poderia, neste sentido, ser pensado a partir de uma ampliação que inclui não somente os parentes consanguíneos que vivem sob o mesmo teto e dentro de um loteamento, mas também a vizinhança que transita e que participa de trocas nesse espaço.

O quintal é parte importante do convívio e espaço comum de sociabilidade. Nele, a cozinha se estende para além do espaço interno da casa, uma vez que o quintal costuma contar com a presença de um fogão feito de tijolos. É recorrente que no interior da casa uma sala, onde recepcionam-se visitas em largos sofás, acomode também a televisão, componente importante inclusive na sociabilidade envolvida nos cuidados com os cabelos. O interior da casa comporta ainda um espaço reservado à geladeira e uma mesa, e os quartos de dormir.

As conversas em torno dos penteados dizem muitas coisas importantes. Temas sobre corpo, saúde e doença são pautas de conversas e relatos sobre terceiros. A troca de conhecimentos sobre técnicas de embelezamento é acompanhada de trocas sobre uso de

remédios caseiros, conhecimentos sobre doenças causadas – ou não – por bruxaria e sobre substâncias de emagrecimento, além de trocas sobre métodos de cozer e de alimentação. Uma pausa para o almoço. Todos estão juntos agora. A Laurentina, cerveja moçambicana, é apreciada pelos adultos. Há aqueles que preferiram a cerveja preta, outros a cerveja clara, outros bebem Savana. O trabalho de tecelagem é interrompido e ainda não está na metade. Levará o resto da tarde para findar. Depois de terminar de comer e esperar alguns minutos, volta-se para a tecelagem na cabeça.

Finalmente, depois de muitas horas sentada e sendo trançada, ouvindo música e conversando, Vanda se olha no espelho com a nova aparência. Gosta do resultado. Está feliz. Sente, contudo, uma forte dor no couro cabeludo. Uma ardência. Para conseguir dormir ela faz compressas com toalhas mornas na cabeça e toma dois comprimidos de analgésico. Essa dor que irá se abrandar ao longo de uma semana é sentida como parte do processo de embelezamento. “Mulher tem que ser forte.”, “Trançar dói!”, repetem uma para a outra. Aquela dor física é mais tolerável que a dor de não sentir-se bem com seus cabelos. Que *leveza* é essa que busca minha querida amiga Vanda?

O peso, a lida

Abro o texto com a presente **ficção etnográfica**, que combina relatos coletados em Maputo e histórias escutadas no Brasil sobre os rituais de beleza pelos quais passamos. Esses rituais, realizados aqui ou alhures, são vivenciados de maneira festiva ao som de músicas e videocliques que passam na televisão. Contam com a companhia de mais pessoas em casa, envolvem tempo, dinheiro e resistência física. Quando apresentei meu texto publicado no livro *Beleza Negra, “Cabelos como mobilizadores de sociabilidade em Maputo, Moçambique”*, para o grupo de estudos Mulheres Negra da Universidade de Brasília, uma delas me disse que fez uma viagem à sua infância e à sua experiência com seus cabelos. Assim, uma conexão entre mulheres *negras* e *mestiças* moçambicanas e mulheres *negras* brasileiras pode existir quando falamos da *lida* com os cabelos. Mas nada nessa vida é feito somente de alegrias e festividades. Esses rituais de beleza são algumas vezes verdadeiros sacrifícios corporais e envolvem dor física e interior. Falaremos nesse capítulo sobre a *lida* do cabelo crespo e suas formas de classificação (ruim/bom, organizado/desorganizado).

Formulada por Nilma Lino Gomes em sua tese sobre cabelos, a *lida* nos remete ao trabalho árduo da escravidão. Há muitas maneiras de se referir aos cabelos crespos: duro, ruim, difícil, trabalhoso, rebelde... O trabalho direcionado ao cuidado com os cabelos remete a isso que Gomes

(2008) chamou de *lida*. Muito empenho, muita energia, muito trabalho, às vezes um trabalho chato, mas necessário, são formas pelas quais *lidamos* com nossos cabelos crespos. Essa *lida* envolve várias formas de categorizar os cabelos crespos no Brasil e alhures. Falarei sobre essas categorias e buscarei extrair suas implicações na vida das mulheres e poucos homens que conheci ao longo do texto. Para tal contarei algumas histórias, sobretudo de Vanda, a mulher que me apresentou o termo *cabelo pesado* e que dá nome à presente tese.

Conheci Vanda em Agosto de 2011, durante a pesquisa de campo para o meu mestrado, no mesmo dia em que consegui alugar um quarto na casa da sua tia Lúcia da Conceição. Foi ela quem fez o primeiro convite para iniciar uma amizade através de uma mensagem de celular que dizia: “Oi, vou *retocar* meus cabelos, queres ir comigo?” Aquele convite, quase como um aviso do que estaria por vir, prometia ser uma boa oportunidade para acompanhá-la e aproveitar para aprender algo sobre a temática dos cabelos. Contudo, ele foi por mim recebido com um quê de reserva e desapontamento.

Reserva porque *retocar* os cabelos remetia a uma fase da minha vida que eu abandonara. *Retocar* os cabelos significa submetê-los a um processo químico de alisamento. Na linguagem local de Maputo, *desfrizamento*. Seria alisar a raiz dos cabelos com produtos químicos específicos para esse tratamento. Desapontamento, por sua vez, porque naquele momento da minha incursão em campo eu associava esse procedimento a uma não aceitação do corpo e a uma insatisfação corporal que me remetia a sentimentos muito desagradáveis. Estar em solo africano, cercada de mulheres *negras* que alisam seus cabelos, foi algo que sem dúvida desapontou as expectativas que eu tinha sobre essas mulheres. Não fui ao salão com Vanda nesse dia (naquela altura do trabalho de campo eu estava ainda interessada nas relações de comensalidade) e tinha motivos internos para isso: o cheiro dos alisantes me remetia à fase em que eu alisava meus cabelos e o motivo de tal ritual de embelezamento não se tratava, no meu caso, de uma escolha, de um estilo. Eu alisava por não suportar as críticas que me faziam. Sobretudo eu alisava por não suportar o riso alheio diante dos meus cabelos crespos. Dessa forma, a memória olfativa despertava em mim um grande incômodo. E quando falamos em cabelos falamos também dessa *lida* com a toxicidade dos produtos químicos utilizados em nossas cabeças. Essa toxicidade é muito presente nas nossas cabeças, de nós, mulheres *negras*. Atualmente, produtos menos agressivos à saúde foram lançados no mercado. Mas quem não se lembra da pasta de ácido, que ardia e coçava a cabeça além de penetrar nossos narizes e nos inebriar? Deixava feridas e ardia nosso couro cabeludo. Mesmo os outros produtos, criados depois da pasta, têm efeitos colaterais tanto para quem os utiliza quanto para quem os aplica, ferem nosso corpo, nossa saúde, nossa sanidade. Interessante pensarmos na

ideia da prática de *retocar* os cabelos. No dicionário virtual Priberam da língua portuguesa, *retocar* é um verbo transitivo e intransitivo que significa:

1. *Tornar a tocar.*
2. *Dar retoques em.*
3. *Rebarbar (ouro).*
4. *Limar; corrigir; aperfeiçoar.*
5. *Confrontar: retoucar.*

Ao falarmos que iremos *retocar*, estamos falando que existe algo de errado em nossos cabelos. É preciso que eles sejam *retocados*, *aperfeiçoados*, *corrigidos*, *confrontados*. O *retoque*, que se dá com uma certa frequência, é realizado assim que a raiz crespa começa a aparecer. Não temos sossego com os nossos cabelos, temos que manipulá-los o quanto antes a fim de esconder sua textura. Em diálogo com Walker (1987), cabe ressaltar que para nós, mulheres *negras*, os cabelos são uma parte do corpo que apresenta temerosidade. Geralmente relegados ao lugar do feio, do indesejado, temos que submetê-los a alterações, *aperfeiçoá-los* para que eles se tornem adequados. E era esse o sentimento que eu evitava entrar em contato quando me recusei a ir com Vanda até o salão de beleza naquele dia. Seria muito doloroso, naquela altura, acompanhar uma mulher *negra* em um salão de beleza para *retocar* seus cabelos. Seria entrar em contato com essa imperfeição que afeta os meus sentidos, o meu corpo.

Passemos para um outro momento da minha trajetória. Quando voltei a Maputo em 2015 vivi por uma semana em Inhambane, cidade na região sul, durante um fim de semana, e entrei em um salão de beleza decidida a cortar grande parte do meu cabelo. Uma senhora de aproximadamente cinquenta anos usava uma touca rosa em sua cabeça e a cabeleireira perguntou: - Veio *retocar*? Ao que a senhora ironicamente respondeu: - Pensa que é alguma moda nova essa touca rosa na cabeça? Claro que vim *retocar*. Novamente a necessidade de *retocar*, *corrigir*, *aperfeiçoar*. Esse tom irônico era também um tom de desagrado sobre a pergunta feita pela cabeleireira. Ela estava pronta para *rebarbar* seus cabelos. No Brasil existe a mesma expressão e prática, e podemos fazer paralelos tanto em um contexto como em outro. *Retocar* seria então evitar que os cabelos crespos apareçam; evitar que o cabelo fique crespo, esconder a textura crespa, alisar o quanto antes. Por isso a touca rosa escondendo o crescimento dos fios, por isso uma certa ansiedade em submetê-los a um procedimento de alisamento ou *desfrisamento* antes que se tornem visíveis. Essa ansiedade, contudo, é vivenciada de maneiras diferentes por mulheres brasileiras que conheci e por mulheres moçambicanas a que fui apresentada.

No Brasil, ter cabelos crespos está associado à ascendência *negra*. Uma mulher *branca* que

conheci em São Paulo, na volta da minha viagem de Moçambique, comentou, depois de eu lhe falar sobre o tema, que quando ela era criança os colegas de sala cercavam-na e cantavam uma música de Luis Caldas muito conhecida em nosso país:

*“Nega do cabelo duro
Que não gosta de pentear
Quando passa na baixa do tubo
O negão começa a gritar*

*Pega ela aí
Pega ela aí
Pra quê?
Pra passar batom
De que cor?
De violeta
Na boca e na bochecha.”*

Essa perseguição vivenciada por uma mulher *branca* de cabelos cacheados é muito representativa do que significa ter o cabelo cacheado ou crespo em nosso país. Uma menina de pele muito clara é debochada no ambiente escolar *como se fosse* uma mulher *negra*, sendo seu cabelo a condição e o motivo para que ela fosse tratada com violência pelos colegas. Ter o cabelo crespo no Brasil seria o mesmo que ter um *negro* na família, ou, dito em outras palavras, seria o mesmo que *carregar um escravo nas costas*. A esse respeito Gomes (2008) comenta que, na circulação de pessoas no Atlântico negro, era uma prática recorrente a raspagem dos cabelos. Tal raspagem simbolizava uma mutilação para o africano que seria escravizado, uma vez que os penteados representavam (e ainda hoje representam no continente) pertencimentos étnicos (SIEBER, 2000). Raspar a cabeça seria retirar daquela pessoa sua origem, sua raiz, sua herança. Seria tornar todos da diáspora “iguais”, anular sua singularidade. Daí que ter os cabelos crespos é simbolicamente interpretado como uma herança *negra* e da escravidão. A “invenção da raça” no século XVI e a discriminação da pele negra e do cabelo crespo são parte de um constructo que vivenciamos atualmente. O cabelo crespo é tomado na diáspora como signo da presença *negra* no sangue (SMÉRALDA, 2004).

Para as mulheres moçambicanas que conheci, embora visto muitas vezes como indesejado, feio ou despenteado, o cabelo crespo não tem a mesma carga que no Brasil. As mulheres *negras* e *mestiças* moçambicanas sabem que têm cabelo crespo e não querem esconder a sua origem “étnica”. Elas *desfrisam* porque querem fazer os *cabelos crescerem*, porque entendem que o cabelo liso é um cabelo *organizado*, porque naturalizaram a prática de *desfrisar*. Elas não querem

esconder o fato de serem *negras* ou de terem uma ascendência *negra* em suas famílias. Como pontuou uma interlocutora de pesquisa em Maputo, “com o cabelo liso, de peruca, com o cabelo crespo, somos *negras* de todo jeito.” Entre as minhas interlocutoras brasileiras, alisar o cabelo é ser menos *negra*. Alisando os cabelos podemos nos tornar em *mestiça*, *morena* ou mesmo uma *branca* do cabelo liso. Gomes (2008) comentou que, ao alterar os cabelos, as referências sobre o sistema classificatório racial oscilam:

“O uso do alongamento me possibilitou maior oscilação dentro desse sistema classificatório. Ao passar nas ruas, várias vezes fui chamada (sinceramente, não sei se posso dizer “elogiada”) por homens negros e brancos de “morena”, “morena linda”, “mulata”... Quando usava o meu cabelo curto na sua textura “crespa natural” ou com trancinhas, era chamada de “crioula”, “negra”, “negona” (também não sei se posso dizer “elogiada”). Quando usava meu cabelo relaxado, era nomeada de “morena”. O mínimo que esse comportamento me diz é que o cabelo, para o negro e para a negra, é um ícone identitário e um forte elemento usado pelo brasileiro para classificar e hierarquizar, racialmente, homens e mulheres.” (p. 113)

Assim, cabelo crespo no Brasil remete a uma identificação racial hierarquizada, enquanto que em Maputo o mesmo não ocorre. Retocar os cabelos, para as mulheres brasileiras que colaboraram comigo, significa esconder um traço racial que é considerado indesejado. Já em Maputo retocar é aperfeiçoar um penteado e não esconder um pertencimento racial, embora aponte para a vivência de um **preconceito capilar**.

Cabelo crespo, no Índico ou no Atlântico, hierarquiza e classifica. Quando fui pela primeira vez a Maputo, eu tinha os cabelos cacheados na altura do ombro e era abordada na rua por mulheres que queriam saber se aqueles cabelos eram meus, se podiam tocar, e como eu fazia para cacheá-los. Ter os cabelos cacheados me classificava como *mestiça*. Quando trancei meus cabelos as pessoas não me interpelavam na rua. Eu passava por moçambicana e minhas amigas brincavam comigo, dizendo que eu poderia muito bem ser uma africana. Com isso quero afirmar que, embora exista uma hierarquia e uma classificação em relação à textura dos cabelos em Maputo, essa diferença não é indicativa de um embranquecimento, como se observa no Brasil.

Conversando em 2017 com Marilú Námoda em um bistrô no bairro nobre Polana, ela me disse que a hierarquia das texturas era por ela vivenciada de maneira muito dolorosa. Nascida em Quelimane³, onde, segundo ela, a mestiçagem é comum, ter *cabelos que crescem*, cabelos que são volumosos, nos qualificaria como mais bonitas ou mais “agraciadas pela natureza”. O tempo

3 Capital da Província de Zambézia, região central de Moçambique.

requisitado para o cuidado com os cabelos na hora de *desfrizar* e depois escovar ou colocar rolinhos fazia com que o tratamento da cabeleireira fosse melhor ou pior, hierarquizando as texturas dos cabelos. Aquela que demorava mais no salão por dar mais trabalho à cabeleireira era desprezada e mal tratada, enquanto aquela que tinha o cabelo menos *carapinha* era bem tratada e priorizada. Ainda em nossa conversa, Marilú me disse que ser *mestiça* ou *negra* era uma hierarquia muito radical para ela, que passou a infância em Quelimane. Ela reforçou bem essa diferença entre ter cabelos cacheados e cabelos *carapinha*, e disse que se lembra de sua ida ao salão como uma verdadeira tortura. Hoje é ela quem cuida de seus cabelos. Mas se para Marilú – e para mim em certa medida – ir ao salão de beleza pode significar um lugar que se aproxima de rituais de tortura, para muitas mulheres esse espaço é vivenciado de maneira lúdica e agradável. Não podemos generalizar experiências e dizer que todas que passam por um salão para alisar ou *desfrizar* os cabelos estejam experimentando a mesma sensação desagradável.

Voltemos por um instante a Vanda, a interlocutora com quem aprendi uma das categorias mais importantes para qualificar os cabelos de algumas das mulheres moçambicanas que conheci: o cabelo *pesado*. Ainda no mestrado, observei que os cuidados com os cabelos e os rituais que acompanhavam esse cuidado pareceram muito lúdicos, muito alegres e ela foi a primeira a me revelar a esfera *pesada* da relação que algumas mulheres moçambicanas têm com os seus cabelos. Alegre porque é nas manhãs de sábado, enquanto se aquece o fogão e se cozinha a *matapa*, que os cabelos das mulheres que moram nos bairros periféricos são tecidos em tranças, que poderão durar até um mês. Lúdico porque, enquanto se vivencia esse ritual, músicas norte-americanas e africanas (angolanas, cabo-verdianas, sul-africanas) são ouvidas em alto e bom som durante o pentear, o qual é coletivo, compartilhado e celebrado.

Um dia, conversando com Vanda na casa da Lúcia, comentei:

– No Brasil a gente vive a moda dos cabelos naturais e tem até uma marca de cosméticos para valorizar a beleza natural da mulher brasileira...

Vanda não me deixou concluir a frase:

– Sabe porque lá no Brasil as mulheres podem usar natural? Porque elas têm cabelos. Elas têm cabelos, os cabelos delas crescem (quase chorando). Aqui em Moçambique nosso cabelo tem uma peculiaridade que é que ele não cresce e, quando cresce, ele volta no dia seguinte ao normal e fica baixinho... (enquanto falava puxava seus cabelos mostrando que eles eram curtos). Nosso cabelo, ele é pesado, por isso fazemos essas coisas...

Sem graça, tentei intervir:

– *Mas tem o Jimi... (cabelos redondinhos, conhecidos no Brasil como Black Power)*

– *Mas mesmo com o Jimi o nosso cabelo não fica, ele voa, não dá forma...*

Vanda me contou isso com muito sofrimento, um choro engasgado. Eu fiquei sem graça de continuar a conversa, pois fui pega de surpresa por aquele desabafo. Desabafo que só foi possível graças a uma relação de cumplicidade que foi sendo construída ao longo de minha estadia na casa da sua tia. Quando eu iniciei a conversa, eu só queria dizer a ela que é curioso que exista uma marca de cosméticos dedicada à beleza natural. Ou seja, queria destacar o quanto a beleza “natural” precisa de artifícios para ser construída. Não passava por minha cabeça que tal assunto fosse despertar esse incômodo. Além disso, eu não sabia o *peso* que minha presença mestiça tinha quando eu estava em sua companhia. Ser uma mulher *mestiça* brasileira é sinônimo de ideal de beleza e de textura capilar. Não conversávamos em pé de igualdade.

O cabelo *pesado*, disse-me Vanda, é aquele que, “como eu poderia explicar? É aquele cabelo que não dá para fazer nada com ele. Que quando você lava encolhe. Que quando você penteia ele volta a enrolar. É bem enroladinho, enroladinho. É um cabelo *difícil*. Esse cabelo *pesado* tem uma peculiaridade que quando ele estica ele volta a encolher. Ele *não cresce*.” Enquanto falava, seus olhos enchiam de água e ela se mostrava angustiada por explicar o que são os cabelos *pesados* que ela e outras mulheres moçambicanas possuem. Nesse momento eu não perguntei mais nada. Deixei que aquele relato parasse por ali. Ficamos em silêncio.

O silêncio foi muito importante para aquele momento da conversa. Àquela altura, ele disse muito sobre os sentimentos vivenciados sobre os cabelos. Éramos cúmplices de um sofrimento. Eu, mulher *mestiça* ou *mulata* ao seu olhar, mulher *negra* de cabelos crespos em Brasília, podia entender a angústia de ter os cabelos *pesados* e as implicações emocionais daquela experiência. Eu não poderia dizer mais nada. Ela não queria falar mais. Minhas perguntas naquele momento pareciam inconvenientes e eu pude experimentar junto com ela o sentimento de inadequação sobre um corpo que, sem intervenções, não é considerado bonito.

Foi preciso um silêncio.

Alguns dias depois, passado o mal estar da conversa sobre o que seriam os cabelos *pesados*, perguntei pelo cabelo *leve*. Vanda já estava mais habituada às minhas perguntas e respondeu com boa vontade. “É um cabelo como o seu. Que dá para fazer penteados, que quando trança escorrega pelas mãos, que quando o vento sopra voa leve. Um cabelo *leve* é assim.” Na minha dissertação (CRUZ, 2012), eu entrei pela primeira vez em contato com essa categoria com

crianças na porta de uma escola. Reproduzo aqui o trecho desse trabalho para ilustrar melhor o que seriam os cabelos *leves*:

“Logo nos primeiros dias da minha estadia em Maputo, comecei a perguntar por salões de beleza e por pessoas que trançassem. Mas as pessoas olhavam para mim e diziam:

– Trançar? Seus cabelos? Mas será que vão saber?

Eu não entendia porque não saberiam trançar meus cabelos e ficava até um pouco impaciente com tais afirmativas. Foi quando, na porta de um colégio, conheci Flora e mais três meninas de tranças que olhavam para mim. Perguntei se elas sabiam trançar e elas me disseram que sim.

– Alguém pode me trançar? – indaguei.

– Mas o seu é difícil – responderam.

– Porquê?

– Porque seu cabelo é leve. – disseram enquanto friccionavam as pontas dos dedos para mostrar que meus cabelos eram leves e que escapariam de suas mãos. Flora, ao querer me dar a precisão da textura de meus cabelos, falava com o corpo e com as mãos. Parecia jogar-se junto com os dedos em uma tentativa de mostrar para mim que meus cabelos voavam e continuou a falar:

– Minha irmã tem os cabelos assim.

Puxou sua irmã e começou a acarinhar-lhe a cabeça:

– Ela até chora quando trança... Mas ela é corajosa.” (CRUZ:2012)

Os cabelos *leves* são considerados difíceis de trançar e tanto mulheres *mestiças* como mulheres *negras* os possuem. Cabelos *leves* são bonitos e desejados, mas também desprezados para penteados mais elaborados como as tranças. Em geral eles são usados soltos porque não possuem a firmeza que o cabelo *pesado* possui. Cabe ainda lembrar que, enquanto estive em Maputo, meu cabelo muitas vezes foi rejeitado como passível de realizar penteados. Soava um pouco ridículo trançar o cabelo de uma mulher *mestiça*. O cabelo *leve*, por ser bonito, deve ser usado solto, o que nos leva a pensar no lugar que as tranças ocupam no entendimento das mulheres que conheci. Tranças são recursos para cabelos *pesados*. São elaborações que podem ser consideradas artísticas para cabelos que, soltos, não apresentam *complicações*. São, assim como o retocar, um recurso ao cabelo que não tem jeito. Como dito no capítulo anterior, essa é uma *complicação* vivenciada por uma mulher *negra* moçambicana: ter que fazer algo em seus cabelos, que são difíceis e que precisam ter penteados bem elaborados e *complicados* para fazer a cabeça. As *complicações* na cabeça nos dizem muitas coisas. O cabelo crespo, a *carapinha* não é algo simples e é preciso fazer coisas complexas nela para que ela seja apreciada. O que dizer de mulheres que carregam na cabeça tantas *complicações*?

Peso é uma palavra para as emoções que carregam aquelas que possuem esses cabelos. É um fardo ter os cabelos *pesados*. Cabelos *pesados* nos remetem novamente à *lida* do cabelo crespo mencionada por Gomes (2008). De acordo com a autora, nossos cabelos precisam passar

por uma *lida*, um cuidado que remete aos tempos do trabalho escravo, o trabalho árduo, o trabalho duro. De maneira análoga, a *lida* a que são submetidos nossos cabelos é vivenciada pelo termo cabelos *pesados* para as mulheres moçambicanas. “Nosso cabelo é *pesado*, não se faz nada com ele. Por isso fazemos todas essas tranças, *tissagens* e *extensões*.”⁴ É muito raro que as mulheres moçambicanas usem seus cabelos na textura crespa “natural”. Há sempre que se fazer algo com os cabelos.

Uma outra autora pode ser evocada aqui para pensarmos os cabelos *pesados* e a *lida* com os cabelos. Walker (1987) escreveu sobre a sua experiência pessoal com os seus cabelos. De acordo com a escritora, era preciso se livrar da obsessão de pensar o tempo todo nessa parte do seu corpo. Ela estava sempre pensando em seus cabelos, em como *lidar* com eles. Era preciso fazer uma revolução em sua vida, precisando deixá-los livres. Livres das técnicas de aplicar cabelos de mulheres coreanas em um mercado opressor. Livres ao deixá-los pegar poeira, serem o que eles querem, tomarem o formato que desejarem. Cabelos e liberdade para uma mulher afro-norte-americana têm um significado ainda mais forte, por remeter diretamente a estética adotada pelos Panteras Negras na luta pelos direitos civis norte-americanos. Liberdade na cabeça, liberdade com os cabelos, liberdade com a política.

Hooks (2005) também fala, em outras palavras, do *peso* em alisar os cabelos no contexto do patriarcado capitalista branco. Hooks (2005) comenta como os cabelos são para as mulheres *negras* uma parte do corpo que se apresenta como um problema que precisa ser resolvido, uma parte do corpo que precisa ser domada, um inimigo das mulheres, pois os cabelos crespos são percebidos como feios e atemorizantes pela cultura *branca*. O cabelo alisado passaria a mensagem de que não nos aceitamos e de que não nos enquadrados nos padrões de beleza. Assim, mulheres *negras* moçambicanas, *afro-brasileiras*, *afro-norte-americanas* se conectam em uma experiência onde ter cabelos crespos pode significar um fardo, poderíamos dizer um *peso*, uma maneira de *lidar*. Dessa forma *peso* e *leveza* como categorias nativas moçambicanas indicam um sentimento de rejeição ou aceitação de uma parte do corpo muito importante para essas mulheres e são palavras potentes para pensar nesses sentimentos em relação ao corpo e ao que se pode fazer com ele.

Temos ainda outras formas de classificar os cabelos crespos em Maputo. Muito recorrentemente fala-se em cabelo *organizado* e cabelo *desorganizado*. Cabelo *organizado* e cabelo *desorganizado* são também categorias boas para pensar. Elas remetem a dois espaços que

4 *Tissagem* é uma técnica de aplicação de cabelo. Primeiro o cabelo é todo trançado rente ao couro cabeludo, em seguida costuram-se franjas de cabelos por cima das tranças. Extensão também é uma técnica de aplique de cabelos. Em vez de franjas capilares, aplicam-se mechas de cabelos enrolados bem rente ao couro cabeludo.

regulamentam o que seriam cabelos organizados ou desorganizados: a escola e o trabalho. A primeira vez que ouvi essa expressão em Maputo foi pela Lúcia da Conceição, a mulher que me alugou um quarto enquanto estive lá em 2011. Ela falou para a sua neta: “Seu cabelo está muito *desorganizado* para ir para a escola. Venha aqui que lhe farei umas tranças.” A escola é o espaço da disciplina, da ordem, do aprendizado. Colocar ordem no cabelo, deixar o cabelo *organizado* é coadunar com as regras de apresentação estético-corporal que dominam esse ambiente.

Durante a minha estada, em 2015, ouvi algumas histórias sobre cabelos e escola. Agata, minha anfitriã, que é professora de Física para adolescentes, me disse que é regra na escola onde ela trabalha que os alunos mantenham seus cabelos raspados. E que as mulheres não usem *extensões* e *tissagens* muito extravagantes para não atizar a competitividade entre elas. Ouvi também que, durante as férias, os meninos fazem penteados diferentes, como uma crista na cabeça, ou pintam o cabelo de alguma cor diferente aproveitando o período em que não existe um controle sobre os penteados que podem ser usados na escola. Daí se vê o controle que a escola possui sobre a estética dos alunos e alunas, a organização que se espera para frequentar esse espaço.

Da mesma forma, o ambiente de trabalho é um lugar onde a aparência é muito importante. É preciso se apresentar com os cabelos *organizados* nesse ambiente e muitas vezes o cabelo crespo pode ser considerado *desorganizado*. Em entrevistas realizadas em 2015 em Maputo com mulheres que usam o penteado *Rasta*,⁵ essas me contaram que ainda encontram muita resistência a esse estilo. Salma Xavier, uma amiga e interlocutora, me contou que antes de fazer o *Rasta* em seus cabelos ela ligou para sua mãe, que mora na Beira, pedindo autorização para usar esse penteado. Sua mãe se mostrou preocupada. Ficou com medo que sua filha sofresse todo tipo de preconceito, sobretudo no trabalho. O penteado é associado ao consumo de maconha e rebeldia. Salma teve que explicar que faria mechas fininhas e que seu cabelo ficaria *organizado* e bonito. Só depois que sua mãe aprovou o projeto de fazer tal penteado é que Salma foi ao salão de beleza. O *Rasta*, quando feito de maneira simétrica, é mais aceito do que quando são feitas mechas de tamanhos diferentes ou com mechas grossas. No trabalho, as pessoas aceitaram o penteado de Salma e atualmente o *Rasta* (desde que *organizado*) é aceito em certos ambientes formais.

Ainda assim, grande **preconceito capilar** é vivenciado tanto no Brasil quanto em Moçambique em relação àquelas que usam *dreads*. Geralmente associado à malandragem, a

5 Rasta é o nome mais comumente utilizado em Maputo para o *dreadlock*. São mechas de cabelos trançados com agulha que pendem em tufos.

pessoas “que fumam, pessoas que não têm uma conduta boa. Mesmo no trabalho, a pessoa era despedida por causa do cabelo. Ou então, se a pessoa queria procurar um trabalho, ela não era aceita por causa do cabelo”, como me informou Aleia Agy em Maputo, 2015. As mulheres que usam esse penteado sentem que ele é mais prático e que pode ser uma opção bonita para usar no lugar das extensões e outras intervenções nos cabelos. Lorde (1991) reflete sobre o **preconceito capilar** que todas as mulheres *negras* que usam esse penteado sofrem. Para ela uma solidariedade às pessoas da tradição Rastafari deve ser lançada para que a rejeição desse penteado não seja recorrente, como aconteceu com uma amiga dela quando embarcavam no aeroporto de Beef Island. A autora se pergunta se os cabelos são ainda políticos e responde que sim. Que, se uma mulher está sendo interrogada em um aeroporto sobre seus cabelos e isso a impede ou não de embarcar, é porque cabelos, ainda em 1991, são políticos. Ela propõem uma irmandade capilar para todas as mulheres que usam *dreads* e elogia a cultura Rastafari.

Os *dreads* em Maputo são ainda um desafio à **mudança compulsória**. Aquelas que optam por esse penteado não alteram muito seus cabelos, desafiando a necessidade local de estar sempre mudando de penteado. Como ficam sempre com *dreads*, são indagadas sobre suas escolhas e questionamentos são feitos sobre elas. “Não vai mudar esse cabelo?”, “Eu queria usar cabelos assim, mas não consigo me ver sempre com a mesma cara!” são frases comuns de se ouvir em Maputo sobre *dreads*. Embora, como percebi por meio das entrevistas, o **preconceito capilar** contra os *dreads* tenha diminuído, ele ainda é recorrente e pode ser observado em Maputo. O mesmo pode ser afirmado para o caso de Brasília. *Dread* não é um penteado sempre considerado bonito. Muitas vezes associado à falta de cuidado e à sujeira, aqueles que usam *dreads* vivenciam aqui um **preconceito capilar**. Existe ainda a opção de se fazer *dreads* falsos, com cabelos sintéticos ou com linha (lã). Essa opção é mais recorrente em Maputo.

Voltemos novamente ao ambiente de trabalho e ao cabelo organizado. Muito dificilmente consegue-se trabalho com os cabelos crespos considerados muito rebeldes em algumas profissões. Minha irmã, assim que se formou em Licenciatura de Artes Cênicas, começou a procurar emprego em escolas particulares na cidade de Belo Horizonte. Ela tem os cabelos enormes e muito crespos e de aparência seca. Ela foi com seus cabelos soltos para uma entrevista de emprego e a encarregada de fazer a entrevista não exitou em perguntar “E esse cabelo?”. Aquela pergunta, que deixou minha irmã com muita raiva, foi o suficiente para que ela decidisse que não queria trabalhar naquela escola. Da mesma forma, quando fui a Maputo em 2017, enquanto dava uma conferência, um rapaz considerado *mestiço* e com cabelos bem grandes disse que foi interrogado se iria tirar foto 3x4 com aqueles cabelos. E disse ter sido interrogado em uma

entrevista de emprego sobre seu penteado. Ele ainda reforçou seu estranhamento dizendo que era *mulato* e que não entendia o porquê dessa abordagem sobre seus cabelos. Escola e trabalho são espaços normatizadores que relegam o cabelo crespo e cacheado à categoria de *desorganizado*.

Cabelo ruim, cabelo bom

Ao contrário do que escrevi em minha dissertação (CRUZ, 2012), as categorias cabelo *ruim* e cabelo *bom*, já bem conhecidas no Brasil e nos Estados Unidos, são também utilizadas para qualificar os cabelos crespos em Maputo. Em 2011, essas definições não surgiram durante minha estadia em campo, o que me levou a escrever o seguinte trecho:

“Buscando entender qual cabelo era considerado feio e qual era considerado bonito, vi que não se tratava de qualidades e julgamentos como 'cabelo ruim' e 'cabelo bom', categorias encontradas no Brasil a respeito dos cabelos atribuídos à população reconhecida como 'negra' ou 'afro-descendente'. Tampouco compartilhavam da classificação 'bad hair' e 'good hair', encontrada nos Estados Unidos entre a população 'afro-americana'.” (CRUZ, 2012)

O retorno a campo em 2015, contudo, me colocou em contato com essa expressão inúmeras vezes. Acredito que no campo de 2011 meus ouvidos não estivessem abertos para ouvir esses termos. Talvez por serem eles palavras difíceis de escutar. Palavras que machucam. Uma das minhas entrevistadas, a Wacy Zacarias, disse-me que, ao optar por usar a sua *carapinha*, ela já foi repreendida e criticada, tendo ouvido de pessoas próximas o termo cabelo *ruim*. Essa forma de categorizar os cabelos nos remete a muitos pensamentos. Um julgamento moral é feito sobre nossos corpos. Carregamos em nosso corpo um signo ruim. O ruim, além de um julgamento moral, é um julgamento estético e fala sobre formas de sentir. Aquilo que é ruim se aproxima do feio e assim sendo nos sentimos inadequadas, desajustadas, indesejadas. Sméralda (2004) comenta em seu livro *Peau Noire, cheveu crépu* (Pele Negra, cabelo crespo) que a feiura implica em rejeição. Ao julgar que uma parte do nosso corpo é ruim estamos sendo julgadas pela nossa conduta, nossa estética, nosso ser no mundo. A rejeição é a implicação desses julgamentos sobre nossos corpos. Fala de uma rejeição nossa sobre a nossa humanidade.

Lembro-me que, quando eu era criança, estudei em uma escola particular onde havia somente mais uma aluna *negra*. Eu e ela usávamos os cabelos na textura crespa e, sem entender o porquê, víamos que as outras crianças nos rejeitavam. Essa experiência pessoal não é uma experiência isolada. Outras pessoas no Brasil experimentam e experimentaram isso. Uma interlocutora moçambicana, Salma Xavier, me contou que quando era criança ela rejeitava seus

cabelos. E que ouvia críticas e rejeições das outras crianças. Como estes, ouvi tantos outros relatos. No filme *Kabela*, de Yasmin Thayná, é apresentado, a partir de performances, as implicações dessa rejeição que sofremos ao sermos consideradas portando algo de *ruim*. Logo no início do filme nomes pejorativos são exclamados enquanto uma cabeça tem seus cabelos alisados. A sensação ao ver e ouvir essas ofensas é de um forte desconforto. A auto-rejeição, o desejo de embranquecer, de tornar-se outro, faz parte da experiência de muitas mulheres *negras* e o filme toca imageticamente nesse ponto de maneira eloquente.

Novamente falo com Sméralda (2004) sobre as consequências dessa rejeição e auto-rejeição: uma certa obsessão pelo alisamento e pelas técnicas de alteração da textura do cabelo crespo pelas quais passamos desde a juventude. Fala-se muito que as relações raciais em Maputo e em Brasília são totalmente diferentes. Mas quando penso nessa relação de auto-rejeição vejo uma forma de racismo fenotípico sendo assumido tanto lá quanto aqui. Não existe diferença, a rejeição corporal é a mesma. As relações raciais podem apresentar peculiaridades, mas o auto-ódio corporal se apresenta de forma bastante análoga. O ato de retocar a raiz aparece novamente como uma ideia fixa para que não se revele a textura crespa. No caso das minhas interlocutoras brasileiras, temos aquilo que chamarei de **liso compulsório**. Em Maputo, por sua vez, observa-se a mudança de penteados quase mensal. Esse valor de estar sempre se renovando pode ser visto como uma **mudança compulsória**. Sobre esses dois pontos tecerei algumas considerações a seguir.

A mudança compulsória o liso compulsório

Já em minha dissertação (CRUZ, 2012) escrevi sobre a facilidade com que as mulheres que residem em Maputo alteravam seus penteados. Nesse texto falei de corpos que se metamorfoseiam. Trocar de penteado é um valor e tem implicações subjetivas em suas disposições corporais. EM 2011, Paula Silva, estudante de dezessete anos da Universidade Eduardo Mondlane, deu-me fotos de todos os penteados que fez. Na seleção de imagens feita por ela há quarenta e quatro penteados, feitos ao longo de dois anos. Seus cabelos já foram compridos até a altura do busto, com mechas de cabelos loiros; foram trançados junto ao couro cabeludo com mechas loiras e pretas; já estiveram *desfrizados* com os cabelos na altura dos ombros; foram trançados em mechas ruivas; costurados em *tissagem* de cabelos lisos na altura do

queixo; penteados no estilo *Jimi*⁶ (CRUZ, 2012).

Não apenas Paula tem o hábito de registrar seus penteados: outras mulheres que conheci, sobretudo as mais jovens, adotam essa prática. A cada novo penteado, as mulheres se portam como que renovadas e guardam expectativas de serem elogiadas por estarem com um visual completamente diferente. Sua postura corporal e feição mudam consideravelmente, e elas consideram-se “uma nova mulher” com os novos cabelos. Os cabelos, assim, acabam alterando gestos e performances e dando o norte sobre as roupas a colocar, e até a forma de se sentirem. Paula destacou ainda, em nossas conversas, que a mudança de cabelos implica em mudança nas maneiras de sentir-se:

“Quando eu quero parecer mais angelical eu coloco cabelos cacheadinhos. Quando eu quero parecer mais mulher eu coloco cabelos mais longos. Se quero parecer mais séria, mais formal, eu uso cabelos ondulados. O Jimi eu faço quando eu me sinto mais rebelde. Eu gosto de brincar com isso!” Paula Silva, Maputo, 2011 – trecho retirado da dissertação (CRUZ, 2012)

Alterar os penteados em um período curto de tempo estabelece com o corpo uma relação que é muito valorizada localmente. O desejo de mudar sempre é reforçado pelo valor, comum entre as jovens, de *marcar a diferença*. *Marcar a diferença* não é somente seguir os penteados, guiando-se pela moda: faz parte do entendimento de que é preciso inovar, surpreender com um novo penteado, estar à frente das novidades, criar *complicações* na cabeça. Quando Paula comenta que, junto ao desejo de mudar, ela experimenta outras maneiras de ser, brinca com as possibilidades infinitas de tornar-se continuamente uma nova pessoa a partir de novas performances. Vemos que, uma vez que os cabelos alteram o corpo dessas mulheres de maneira radical e constante, transformando-as em “outras mulheres” segundo suas próprias palavras, há uma relação com a estética da cabeça onde o efêmero é fundamental e valorizado. Aquela que pode sempre mudar seu penteado, atualizar-se, é tida como uma mulher de *status* e reconhecida por sua beleza. Seus corpos devem ser constantemente refabricados e reconstruídos, a fim de se tornarem femininos e belos (CRUZ, 2012).

Este gosto pela constante mudança exige, naturalmente, um considerável estoque de cabelos disponíveis. É por isso que, entre as mulheres que conheci, uma prática de acúmulo de cabelos estava sendo cultivada. Idealmente elas gostariam de ter todos os cabelos: curtos, longos, cacheados, ondulados, pretos, loiros etc. O modo de armazená-los exige um conhecimento sobre

⁶ *Jimi* é o nome dado ao penteado conhecido por alguns como Black Power. Os cabelos formam uma espécie de coroa ouriçada e crespa e remete ao movimento negro dos Estados Unidos. No caso, *Jimi* é uma referência ao cantor Jimi Hendrix, que usava seus cabelos nesse estilo.

sua conservação e era comum haver uma maleta ou baú para guardá-los. Não se guarda, além disso, os cabelos de qualquer maneira. Existe uma classificação para organizá-los. Há os que são usados no dia a dia pois, além de darem um ar mais casual, não demandam tanto tempo para aplicar e não são tão surpreendentes. Outros cabelos, reservados às festas, são guardados para serem acionados somente em ocasiões solenes. Em geral, eles são mais suntuosos, maiores e inovadores. Há ainda as perucas que, menos comuns, são guardadas como possibilidades para serem acionadas no caso de um evento inesperado ou alguma emergência. Outra prática comum em relação aos cabelos é a sua troca entre amigas. Cabelos são objetos para presentear, comprando-se ou doando-se os próprios cabelos (CRUZ, 2012).

A troca que pude observar se dava, em geral, entre mãe e filha e entre amigas mais próximas, bem como entre irmãs. Cada vez que são retirados da cabeça eles perdem um pouco dos fios e, conseqüentemente, do volume, tendo uma durabilidade limitada para sua aplicação e circulação. Uma amiga e interlocutora, Uacy Madalume, sempre que retirava suas *extensões* ou *tissagens*, as doava à sua irmã mais nova, Amélia Madalume, para que ela aproveitasse os cabelos. Elas são muito amigas e Uacy Madalume guarda por ela muito carinho e respeito. Quando Amélia Madalume recebia os cabelos usados pela irmã, ficava muito feliz em poder fazer um novo visual e poder cortar as mechas, usá-las de maneira diferente. Se Uacy considerasse que a irmã não estava se comportando de maneira adequada nos estudos ou em outra esfera da vida, a forma de lhe repreender era não lhe repassando os cabelos. Amélia, por sua vez, ficava animada ao ver a irmã com novos cabelos, pois sabia que quando fossem retirados eles seriam dela.

Para nós que passamos pela *transição capilar* e passamos a usar nossos cabelos crespos, a experiência da mudança implica em uma transformação. Deixamos de querer nos anular em uma prática normatizadora da beleza e experimentamos uma nova estética com todas as suas implicações. Vivenciamos o racismo de maneira ainda mais eloquente quando decidimos usar os cabelos crespos, nos tornamos outras mulheres. Algumas entrevistadas do grupo virtual Carapinha do Índico, de Moçambique, me falaram sobre as reações das pessoas à sua volta quando elas começaram a usar o cabelo na textura crespa. Muitos as elogiaram, mas outros ficaram indagando se ela não mudaria aquele penteado mais. Se ficariam para sempre com aquele rosto. O cabelo crespo precisa ser alterado, o penteado crespo pode ser mais um dos penteados por um tempo, mas não o único a ser utilizado. Quando a mudança de cabelos é algo que representa um controle sobre os corpos, como no caso observado em Maputo, podemos chamar essa necessidade de estar sempre se alterando de **mudança compulsória**. Veja, se antes eu falava em corpos que metamorfoseiam, hoje eu falo também em uma **mudança compulsória**. Quando se é impelida a

vivenciar a relação com o corpo de maneira impositiva essa metamorfose deixa de ser algo prazeroso ou mesmo lúdico para tornar-se algo compulsório e *pesado*. De alguma forma, a **mudança compulsória** é combatida pelas integrantes do grupo Carapinha do Índico, e tive oportunidade de entrevistar algumas de suas participantes.

Essa **mudança compulsória** é, ainda, uma forma de se construir um corpo moderno e cosmopolita. Sendo Maputo uma capital que conflui pessoas de todo país, falantes de várias línguas e pessoas de outros lugares do mundo, a estética construída pelas mulheres que estão sempre se renovando a cada penteado se relaciona à imagem da modernidade. Ela diz respeito a um traço de distinção social. Há de se gastar muito dinheiro com os cabelos. Poder mudar sempre e ter uma coleção de cabelos é um marcador de *status*. Assim, além de falarmos em uma **mudança compulsória**, falamos também de uma forma de se posicionar no mundo. Uma maneira de se fazer cosmopolita, moderna – e com poder aquisitivo. Nem sempre as mulheres que estão sempre mudando de cabelos estão respondendo a um sistema capitalista e patriarcal. Algumas vezes elas vivenciam essa metamorfose de maneira prazerosa, por gosto e pelo jogo de poder experimentar ser sempre uma nova mulher a cada novo penteado. Agata Daniel, ao longo de duas semanas em que a encontrei em 2017, usou três penteados completamente diferentes um do outro. Ela faz isso porque se enjoa do seu rosto sempre igual. E eu não via nesse hábito um sentimento de *peso* ao alterar-se sempre. Dessa forma, podemos falar em uma tendência à **mudança compulsória** que é respondida de variadas maneiras a depender de quem fala. Para algumas mulheres, mudar sempre é ser *leve*. É brincar com o *self*. É poder jogar com as inúmeras possibilidades de ser e sentir-se. Algumas vezes metamorfosear-se é parte da composição de uma mulher dinâmica.

No primeiro piquenique das Crespas e Cacheadas que participei, ficou claro para mim o compartilhamento de uma experiência em nossas trajetórias que chamarei de **liso compulsório**. É interessante observar que a troca de produtos para cabelos se faz por não haver um mercado muito amplo de cosméticos especializados em cabelos crespos e por estarmos aprendendo a cuidar dos nossos cabelos nessa textura recentemente. Assim, o corpo torna-se um campo de experimentação onde produtos presentes no mercado são explorados a fim de que se encontre aqueles que são mais adequados à textura e qualidade de nossos cabelos, que estão ainda sendo descobertos. Quando eu falo descobertos eu o digo porque não sabíamos como eram os nossos cabelos, submetidos a transformações desde muito cedo. Passar pelo *big chop* (BC, do qual falarei mais adiante) é descobrir um novo corpo. Um novo cabelo. É muito comum ver na internet depoimentos e relatos sobre quais produtos são bons para os cabelos, quais são inadequados,

sobre os efeitos que eles produzem e os resultados alcançados com cada um. Essa troca de conhecimentos é potente entre mulheres *negras* de todo o globo e realiza uma conexão de mulheres crespas pelo mundo. São muitos os blogues encontrados na internet. Uma linguagem é compartilhada pelo globo em uma experiência de transformação global.

Como apontam as pesquisas sobre o tema, foi apenas desde a década de 90 que surgiu no mercado de cosméticos brasileiro o interesse em comercializar produtos especializados para o cabelo crespo que não alterem a estrutura dos seus fios (SANTOS, 2000; GOMES, 2008; LUCINDA, 2004). Antes disso, o tratamento que existia para os cabelos crespos era necessariamente o alisamento. Tal elemento nos leva a refletir sobre a cosmetologia brasileira, que estava e está afinada às mudanças e estruturas raciais presentes no Brasil. Não haver produtos para a textura crespa diz de elementos relacionados ao racismo brasileiro e da definição do que é belo em nosso país, a saber, cabelos lisos e grandes para mulheres. Como bem pontuou Malysse (2002) a esse respeito: “A aparência ideal, no caso o visual capilar ideal (cabelo liso, loiro, comprido e cheio), sempre corresponde à do grupo social dominante, o cabelo da elite, portador de referências sociais codificadas pela mídia.” (MALYSSE, 2002, pg. 8) Os depoimentos das mulheres que compareceram ao piquenique das Crespas e Cacheadas no DF reiteram essa tendência:

“Eu tenho (?) anos. E assim, desde pequena minha mãe teve esse padrão de... minha mãe sempre alisou meu cabelo desde que eu era criança. Sempre teve esse padrão, né. Sempre queria que eu tivesse o cabelo liso. Mas eu tive esse amor-próprio de me aceitar e tal. Então eu sempre alisei meu cabelo pensando que isso sempre seria o certo para mim. Até que eu conheci a Brenda na parada... na parada de ônibus, eu conheci ela e ela me falou do grupo, né, (?). Eu via o cabelo liso como um padrão, como uma obrigação para cabelo, como que chama, arrumado, né... e eu sempre fui criticada pelo cabelo cacheado, quer dizer crespo, né. Já sofri muito desde a infância. E até hoje na verdade, dentro de casa principalmente. Só que hoje eu não vou nem ligando hoje para isso. É isso.” (Jessane, Brasília, 2014)

Como grande parte das participantes relataram, desde muito cedo elas alisaram seus cabelos, não conhecendo técnicas adequadas para tratarem dos cabelos crespos. Conheceram como forma de tratamento o alisamento e outros produtos químicos que alteram a estrutura capilar, como os relaxantes. Os relatos dados no piquenique foram muito emotivos e é interessante observar como cabelos envolvem sentimentos de angústia e emoções fortes. Alguns dos relatos dados pelas mulheres que estavam presentes no piquenique foram acompanhados de choro e acolhidos pelas outras mulheres como gesto de solidariedade e compartilhamento das

angústias. Interessante observar o fato do discurso da negritude ter aparecido, mas não ser o único. Algumas das mulheres que ali estavam falavam do fato de ter cabelos que Deus deu e uma aceitação de um corpo que foi uma dádiva divina. A fala religiosa, mística, foi bastante recorrente em seus depoimentos e isso me faz entrar em contato com outras esferas do uso do cabelo crespo e cacheado por parte de mulheres: a ideia de um corpo essencializado e dado por natureza. Dado por Deus. Cabe destacar que grande parte das minhas interlocutoras em Brasília são cristãs. E passar a gostar dos seus cabelos dados por Deus não é um dado banal, diz sobre espiritualidade. Ainda que eu não alcance o significado dessa espiritualidade, por ignorância e falta de conhecimento, deixo aqui essa observação.

Um dos aspectos que une todos os relatos é o fato de que em um dado momento de nossas vidas decidimos optar por não usarmos mais química que altere a estrutura do cabelo crespo. As motivações para isso, obviamente, variam. Podem ser motivadas, como foi no meu caso, pelo fato de encontrar um ambiente onde a estética crespa é aceitável e até mesmo celebrada, como é o caso da universidade e curso de Ciências Sociais que frequentei; pode ser pela descoberta de uma gravidez que impossibilita o uso de produtos químicos; pelo contato com algum seguimento do movimento negro e a ideia que associa o ser negro ao uso dos cabelos “naturais”. Acontece que a opção pela nova estética e relação com o corpo nos coloca em contato com a discriminação e o racismo.

“Eu tinha cortado meu cabelo natural e veio um cara, negro, e disse: - 'Essa menina levou um susto?' Eu fiquei sem entender aquilo e passei a não usar mais o cabelo para cima.”(Beatriz, Brasília, 2014)

Nesse sentido, falar de cabelos é falar de questões relacionadas ao gênero e a raça. Veja o depoimento de uma das minhas interlocutoras:

Andrea: Minha história não é tão breve assim. Eu tenho 40 anos e desde os nove a minha mãe alisava meus cabelos, então assim, eu não tive muita decisão assim, né? E eu acostumei com essa vida até os 29 anos, que foi depois que eu passei por um processo que meu cabelo quebrou. Deve ter sido alguma troca de um produto que eu não soube dizer na hora. E ele começou a cair todos os dias e eu achei... então ele começou a quebrar e é muito assustador você ter todos os dias cabelos caindo, cabelo quebrando. E aí nessa oportunidade, com vinte e nove anos, eu tive que cortar o cabelo. Acabou que foi um processo obrigatório de fazer alguma coisa com o cabelo. E foi a primeira vez que eu vi meu cabelo e eu olhei e falei, nossa, que lindo! E a cabeleireira perguntou: “Você tem certeza que quer cortar seu cabelo curtinho?” E eu falei: “Quero”. E as pessoas ficaram com medo de eu explodir e eu vi e comecei a rir assim para mim. Porque você se identifica, você se

enxerga ali. Só que aí, por causa do momento também, não era o que tinha hoje, você acaba sendo pressionada a mudar de novo. Aí eu comecei a mudar de novo com alisante, com aquele que você coloca no cabelo...

Eu: Extensão?

Andrea: Extensão. E aí, foi em 2003... e aí como eu já tinha descoberto que não doía cortar cabelo eu comecei a gostar. Só que aí ano passado eu comecei a ver mais os vídeos do Youtube e tal e fui vendo que era possível ter o cabelo natural, o último processo que eu fiz foi do Beleza natural e foi uma experiência muito negativa também. E eu falei, "Não, chega disso, vou cortar e vou..." E assim, o fato de você ser mais velha você tem uma confiança que você não precisa provar nada para ninguém. Você não é mais tão suscetível à crítica como quando você é mais jovem. E também assim, as conversas com as meninas, sobre isso, te traz mais consciência e vai fortalecendo. E desde então eu passei o ano passado todo de trança porque eu não tinha a ideia de como eu ia cuidar desse cabelo curtinho, então vou trançar para pelo menos ter ele curtinho e depois... e aí quando foi no começo desse ano eu falei, não, chega de trança, eu estou a fim de mexer no meu cabelo, de tratar, de me cuidar, que isso tudo faz parte... essa coisa de você pegar em você mesmo e se descobrir... então desde janeiro eu tirei as tranças e estou com o cabelo natural e estou assim, me amando cada vez mais... e tem isso parece que a gente rejuvenesce.

Eu: A gente rejuvenesce com o cabelo.

Andrea: Só tinha uma coisa que eu gostaria de ressaltar assim, porque eu vejo muito vídeo de transição e a comparação do cabelo alisado e do cabelo crespo, você vê a diferença da feição da pessoa quando ela tem o cabelo alisado. Parece que ela não tem brilho. Parece que o cabelo é opaco e a pessoa é opaca. Não estou dizendo que isso é regra não, porque eu acho que isso é uma coisa que eu sinto que a pessoa tem que ser o que ela vê. Se ela vê alisado e se sente feliz ótimo, mas se ela se vê crespa e se sente feliz melhor ainda. Não precisa de artifício nenhum. Ela está ali pura. E eu vejo que a pessoa crespa, ela se rejuvenesce e isso é bacana. Então, tentei encurtar o máximo possível. (Andrea, Brasília, 2014)

O depoimento de Andrea dado no piquenique nos revela várias facetas da relação que temos com nossos cabelos. O medo de cortar e ter cabelos curtos, a importância que os cabelos têm na formação da pessoa. A esse respeito, Malysse (2004) destaca que o cabelo "simboliza a pessoa, porque, junto com o rosto, ele é o maior fator de identificação de uma pessoa para outra." (MALYSSE, 2004; p.4-5). A fala de Andrea reitera essa ideia. Quando ela afirma que se reconhece outra pessoa quando muda os cabelos ou que se reconhece quando vê seus cabelos "naturais", ela está dizendo da centralidade que essa parte do corpo possui para nossa sociedade. Não é uma parte do corpo que passa despercebida, ela chama atenção, ela diz do *self*, ela fala de disposições, como estar opaca ou não. Ademais, sua fala chama atenção para o fato de que os cabelos crespos, considerados cabelos "naturais", são entendidos como expressão de uma opção

pela natureza ou pelo puro. Usar os cabelos “naturais” para nós, que estamos descobrindo os cabelos crespos e cacheados, seria assumir uma nova disposição diante da vida, uma nova “identidade”. O fato de haver uma hegemonia no tratamento do cabelo crespo, alterando-o em liso, nos leva a afirmar que há uma estética que preza pelo **liso compulsório**.

Como algo vivenciado como um tabu, as mulheres de Maputo que mudam frequentemente seus cabelos realizam um verdadeiro sacrifício do corpo. Além dos penteados demorarem horas para ficarem prontos, além de se despender uma grande quantia de dinheiro para que eles estejam sempre renovados, elas podem, aos poucos, perder seus cabelos. A força com que o cabelo é trançado, e o fato de que se puxa muito o cabelo, fazem com mechas de cabelos comecem a cair. Elas vão ficando carecas em algumas regiões da cabeça e sentem-se muito mal com isso. Para aplacar essa falta de cabelo, ou adota-se um novo penteado, ou usa-se a peruca. Além disso, alguns penteados doem muito ao serem aplicados. Algumas mulheres relataram para mim que tomam analgésico para aplacar a dor das tranças e fazem compressas de toalha quente para conseguirem dormir e permanecer com os cabelos. Vemos que essa **mudança compulsória** pode ser uma agressividade muito danosa a quem a adota. Além disso, a descoberta dos cabelos nos coloca em contato com a experiência de descobrir outras texturas. Junto a essas descobertas uma verdadeira hierarquia se apresenta. Sobre a hierarquia das texturas capilares, falarei adiante.

A hierarquia das texturas

Como dito no capítulo um, o evento Encrespa Geral é interessante inclusive pelo nome. O verbo *encrespar* transmite a ideia do encontro: tornar os cabelos e corpos em crespos, promover uma transformação a partir dos fios de cabelo. No dicionário encontramos as seguintes definições:

(en- + crespo + -ar)

verbo transitivo, intransitivo e pronominal

1. Tornar ou ficar crespo. = FRISAR

verbo transitivo e pronominal

2. Deixar ou ficar com os pelos ou cabelos espetados ou levantados. = ARREPIAR, ERIÇAR, OURIÇAR

3. Deixar ou ficar com ondulação ou agitação. = AGITAR, ENRUGAR

4. Causar ou sentir irritação. = ABESPINHAR, OURIÇAR

verbo pronominal

5. Mostrar vaidade ou orgulho excessivo. = ENFATUAR-SE, ENSOBERBECER-SE

Essa transformação, como pude observar nas minhas incursões em campo, extrapola o cuidado com o corpo e está inserida em uma opção política que envolve várias esferas:

enfrentamento de uma estética relegada ao feio, ao indesejado, ao impuro; descoberta sobre a sua negritude; compartilhamento de conhecimentos entre pessoas que antes não se conheciam, criando uma **fraternidade crespa**; mudança na conduta e transformação no *self*. No Encrespa Geral de 2014, Layla Mayazandra falou sobre a hierarquia das texturas. Esse debate é muito extenso e controverso e diz respeito a essa descoberta das texturas crespas e cacheadas, tanto pelas mulheres que as experimentam quanto pela indústria da beleza. Passar a usar o cabelo “natural” é aprender que existem muitas texturas desse cabelo. A fim de categorizar os cabelos cacheados sem qualificá-los como bons ou ruins, Andre Walker, o cabeleireiro da apresentadora norte-americana Oprah Winfrey, criou junto ao site "NaturallyCurly" uma tabela para identificar e tratar cada modelo de cacho. Assim, os cabelos são categorizados como 2A, 2B, 2C no caso de cabelos ondulados, indo do menos ondulado para o mais ondulado; 3A, 3B, 3C sendo os cabelos cacheados, também seguindo uma lógica de aumento da textura cacheada; 4A, 4B e 4C são os cabelos crespos, indo do menos crespo até o crespíssimo. O cabelo 4c, sendo o mais crespo de todos, seria o que sofre mais preconceito e rejeição.

Podemos realizar aqui um paralelo entre a hierarquia das texturas capilares e o colorismo. Cunhado pela escritora e ativista negra norte-americana Alice Walker (1982), o termo colorismo se refere ao tratamento diferenciado dado às pessoas de acordo com a cor da sua pele. A depender da tonalidade da pele as pessoas teriam mais ou menos privilégios, acessariam empregos com mais ou menos facilidade, seriam mais ou menos aceitas nas relações afetivas. A esse respeito, conversei com a minha mãe. Segundo seu relato, ela e seu primo, o tio Mazinho, eram “os pretos da família”. Tendo a família “melhorado a raça”, eles estariam condenando os parentes a ter que “lidar” com a presença dessas pessoas que tinham a pele mais negra do que o restante dos familiares. Essa acusação sempre foi vivida por minha mãe com muito sofrimento. Ser a mais escura a colocava em uma situação de ser mais discriminada no interior da família e também nos ambientes fora do lar. Afasto-me, contudo, da definição de colorismo de Walker (1983) por esta tomar como dada a noção de *raça*. Segundo a autora, o colorismo seria a hierarquização da cor de pele de pessoas da mesma *raça*. A hierarquia das texturas capilares, da mesma forma, estabelece uma diferenciação no tratamento dado àquelas que possuem um cabelo mais crespo. Poderíamos falar em um **texturismo** que ordena, de maneira a subordinar, uma textura em relação a outra estabelecendo critérios de eleição daquilo que é mais ou menos belo. No site da Meninas Black Power, um belíssimo relato da Tainá, que tem cabelos 4c, merece ser apreciado:

“Meu cabelo é 4c, e agora?”

*Eu sempre quis cabelo black power. Queria o maior, mais lindo, mais tudo. Pesquisei, lógico. Percebi que meu cabelo deveria ser super parecido com as maiores divas do meu coração: Esperanza Spalding e Erykah Badu. Pensei: Moleza, piece of cake, molengo tengo, tenho minhas divas master como espelhos. **Comecei a trajetória crespa, percebi que a teoria é uma coisa, a prática, outra.***

Nesta sociedade não existe pessoa que esteja preparada para assumir um 4C. Quando pensamos em cabelo crespo, pensamos em mulheres com cachos perfeitos com o diâmetro de um dedo indicador. Não tenho isso. Quando pensamos em cabelo crespo, pensamos em horas a menos na preparação. Não tenho isso. Quando pensamos em cabelo crespo, não pensamos em 4C, mas isso eu tenho. Quando me vi com o grande corte [depois de retirar toda a parte com química e ficar só com o natural] e percebi

*que meu cabelo não estava nas capas de revista, deu medo, mas eu fiquei firme. Pensei na Esperanza, na Erykah, **pensei em toda a liberdade que eu poderia ter**. Só de pensar que eu não precisaria pensar em alisar minha raiz a cada 20 dias, só de pensar que eu não precisaria ficar sufocada com o cheiro do formol, apareceu uma força ancestral que me ajudou a manter meu crespo aqui, rico e finalmente empoderado. Hoje, com um 4C, valorizo meus micro cachos, entendo meu fator encolhimento e acima de tudo, respeito... pois só quem tem um 4C sabe o que é se submeter à vontade do próprio cabelo.*

*E agora? Agora é conhecer o cabelo, descobrir que ele gosta de creminhos, óleos, carinhos. Eu descobri que a melhor coisa para o meu crespo é não usar pentes e sim os dedos para desembaraçar. A cada dia é uma descoberta. Como ninguém fala disso, como não temos 4C na mídia, a gente descobre tudo aos poucos. **Mas estou longe de desistir!**" (Tainá Almeida, Meninas Black Power)*

Tainá Almeida sente-se solitária na descoberta da textura do seu cabelo. Essa solidão, vivenciada por muitas mulheres *negras* em variadas situações, se conecta com o relato sobre a minha vivência com os meus cabelos: a dificuldade em sustentar aquela estética crespa sozinha. Sem haver referências na televisão, nos filmes, na escola, na família, nos sentimos sozinhas. Sua insistência em manter seus cabelos na textura 4c, contudo, revela uma postura que desafia essa solidão. Existe uma literatura norte-americana e brasileira que trata da solidão da mulher *negra*. Um texto que fala lindamente sobre essa solidão, que inclui a afetividade, é o de hooks (2000). Nele, a autora fala como a experiência corporal torna a mulher negra preterida para as relações afetivas e como a solidão é uma realidade para nós. Tainá relata na internet, de maneira sensível, sua experiência com o seu 4c e faz do seu corpo um experimento cotidiano que serve de apoio para outras mulheres com a mesma experiência. Ela se faz representatividade.

A hierarquia das texturas elaborada pelo cabeleireiro de Oprah é ainda um artifício etnocêntrico e racializante. É muito comum nos fóruns da internet as pessoas postarem uma foto do seu cabelo e perguntarem qual é o seu tipo de cabelo dentro daquela escala que comunica o mundo inteiro sobre os tipos de cabelo. O debate sobre qual é o tipo se alonga, pois não é fácil conseguir classificar. Algumas pessoas respondem algo nesse sentido, dizendo que essa classificação serve apenas para orientar o tipo de creme e de tratamento a ser utilizado e não deve orientar as pessoas que a utilizam como uma forma de classificação em um universo racista. Posso afirmar, depois de observar por anos esses debates sobre qual seria o tipo de cabelo que dada pessoa portaria, que os cabelos são tão diferentes uns dos outros que uma tabela sobre os tipos de cabelos seria infinita. Em uma mesma família o cabelo muda de textura, tamanho e volume. Além disso, os cabelos mudam ao longo da vida. E a depender do creme, do xampu ou do

outro componente químico que se utiliza, ele pode se alterar ainda mais. Sem contar que uma mesma pessoa pode possuir em seu couro cabeludo várias texturas de cabelos diferentes.

Além da hierarquia das texturas capilares, uma certa obsessão pelos cachos perfeitos é observada nessa descoberta dos cabelos crespos pós *transição capilar*. Um novo sacrifício corporal é observado e deseja-se o cacheado perfeito. Para isso muitas técnicas e cosméticos são utilizados. Quem possui o cabelo 4c se decepciona, pois deseja ter os cachos perfeitos. Quem possui os cachos se desdobra para que eles pareçam mais perfeitos. Em 2017, em uma reunião com algumas mulheres do grupo Carapinha do Índico, era notável o lamento em suas falas quando diziam que possuíam os cabelos 4c.

Caminhando para considerações finais

A lida, o peso, o bom, o ruim, o organizado, o desorganizado. Todas essas são categorias que qualificam os cabelos das mulheres *negras* e *mestiças* no Brasil e em Moçambique. São categorias que orientam sentimentos em relação a ser no mundo. Algumas vezes implicam em rejeição, em obsessão pela mudança na estética. São categorias que fazem coisas a quem porta o cabelo crespo. Quando éramos crianças, brincávamos de bonecas muitas vezes loiras dos cabelos lisos e olhos azuis. Hoje brincamos com a nossa *persona*. Manipulando nossos cabelos para que eles nos transformem em outras pessoas. Quais os limites dessa transformação? Como está delineada a oposição entre natureza e cultura para nós, mulheres negras? Podemos mesmo nos transformar em outras?

Quando alisamos nossos cabelos sendo essa a única alternativa a se fazer com os nossos cabelos, ou quando temos que estar sempre inovando penteados para sermos aceitas, estamos manipulando nossos corpos para que fiquemos em paz. Quando essas mudanças são compulsórias, como poderemos falar em *leveza*? Qual utopia queremos para a nossa estética? Que espelhos vamos almejar nos mirar? Essas são as questões que as mulheres e alguns homens que conheci me colocaram durante o caminhar da pesquisa. O cuidado com os cabelos assume para nós, mulheres *negras*, um verdadeiro *peso*. Um fardo. Vê-se o viver de um sacrifício do corpo. Sacrifício monetário, físico e corporal.

Referências bibliográficas

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *Seguindo as tramas da beleza em Maputo*. Dissertação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

_____. *Cabelos como mobilizadores de sociabilidade em Maputo, Moçambique*. Mimeo, 2016.

- GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?*. Revista Brasileira de Educação, no. 21, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- GOMES, Larisse Louise Pontes. *Entre Big Chops e Black Powers: Identidade, Raça e Subjetividade em/na "Transição"*. Artigo de conclusão de especialização em Antropologia na Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. 2014.
- Hooks, bell. *Living to Love*. 1993.
- _____. *Alisando nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005.
- _____. *Love as the practice of freedom*. In: *Outlaw culture. Resisting representations*. New York: Routledge, pg. 243-250, 2006.
- LUCINDA, Maria da Consolação. *Subjetividades e Fronteiras: Uma antropologia da manipulação da aparência*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2004.
- MALYSSE, S. R. "'Extensões do feminino': megahair, banalidade e preconceito capilar", in: www.studium.car.unicamp.br, 2002
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos*. *Estud. afro-asiát.* no.38 Rio de Janeiro Dec. 2000.
- SMÉRALDA, Juliette. *Peau noire, cheveu crépu- l'histoire d'une aliénation*. Éditions Jasor, Point-à-Pitre, 2004.
- WALKER, Alice. *Cabelo oprimido é um teto para o cérebro*. Palestra dada em 1987. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/3062-cabelo-oprimido-e-um-teto-para-o-cerebro>

Denise Ferreira da Costa Cruz: Professora Adjunta no Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira. Integrante do projeto de Extensão Vozes d'Africa. Participante da RIPES (Redes de Instituições Públicas de Ensino Superior). Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem interesse em Antropologia Africana, Antropologia da Arte, gênero, raça e escravidão, feminino, feminismo negro e africano. Pesquisa a produção cinematográfica africana, tendo participado da curadoria de uma mostra do cinema africano no Forum.doc.bh e publicado um artigo sobre o cinema do cineasta guineense Flora Gomes.

Artigo recebido para publicação em: Agosto de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2018.